

SEGUNDO TURNO

Os programas de governo dos candidatos do PT e do PSDB são parecidos. Escolher entre um ou outro no domingo significa apostar na trajetória pessoal, nos partidos, nos novos e velhos aliados e no discurso de campanha

Receitas de presidente

LULA

Sérgio de Sá
Da equipe do Correio

São três os personagens básicos. O primeiro é Lula desde criança. Vota no candidato do PT à Presidência há quatro eleições, sem jamais perder a ternura e a esperança. O segundo lulou pela primeira vez, cansado do reinado de Fernando Henrique Cardoso. O terceiro entra em cena na virada de turno. Apostou em Ciro ou Garotinho também pelo desejo de mudança. Agora, tem de optar pelo 13.

Está aí uma chave para avaliar o que significa votar em Lula. Todo mundo quer mudar. Ninguém, entretanto, tem certeza do que virá, porque se trata de uma nova experiência. E a mudança, apesar de vermelha, não significa uma guinada em direção ao socialismo. Ainda que escape aqui e ali, a palavra foi vetada do programa de governo e dos discursos do ex-sapo barbudo. Ao eleitor se vende uma versão light do Lula sindicalista. Entra em campo o capitalismo humanizado.

COMPANHEIROS

Para não perder pela quarta vez, Lula se abriu a alianças e apoios, fazendo questão de ressaltar essa diferença. A aliança principal foi feita com o Partido Liberal. O candidato a vice-presidente é um empresário riquíssimo, o mineiro José Alencar. Os principais apoios vêm dos ex-presidentes José Sarney e Itamar Franco. Não se sabe o que pedirão em troca. Antônio Carlos Magalhães, o ACM, declarou voto em Lula no segundo turno.

HOMEM POLÍTICO

Se eleito, Lula promete ser presidente dos mais abertos ao diálogo. Há quem diga que ele é o último político do país, um homem capaz de argumentar e contra-argumentar a favor de um consenso. Está em sua trajetória essa propensão à negociação, à discussão aberta de temas. Com 90 deputados federais e 14 senadores do PT, Lula tem tudo para ampliar sua base e manter uma boa relação com o Congresso Nacional.

CONDIÇÕES DE VÔO

As más línguas divulgam que Lula nunca administrou nada na vida, sequer uma carrocinha de pipoca. O que é verdade. O desempenho do candidato na cadeira e com a caneta presidencial na mão é uma incógnita, por mais que se conheça a performance do partido em governos estaduais e prefeituras. Nesse item, a escolha é intuitiva. Como se o eleitor lhe desse a oportunidade do primeiro emprego.

TUDO PELO SOCIAL

Há uma aura social em torno do nome PT. A ampliação dos gastos sociais é tratada como questão de honra. Programas bem-sucedidos do governo Fernando Henrique, como Saúde da Família e Bolsa-Escola, deverão ser aprofundados. O que não se sabe direito, nem os próprios petistas sabem com precisão, é de onde virá o dinheiro para dar conta das propostas para tornar o país menos desigual em suas oportunidades de acesso a itens básicos de cidadania.

GLOBALIZAÇÃO

Alca. FMI. Mercosul. Não há país fora da globalização, governado ou não pelo PT. Os "interesses nacionais" entram com força no escudo protetor da dignidade do país que Lula promete tecer. No mais, é torcer não contra a Argentina mas para que o Brasil fique distante dos passos do nosso mais tradicional adversário. Um alívio: Lula deve viajar pelo mundo menos que Fernando Henrique, diplomata por natureza.

MINHA GALERA

Não, não haverá fuga de milhares de empresários, conforme previu em 1989, de maneira catastrófica, o então presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mario Amato. Não há esse perigo, garantem os empresários. Se Lula vencer, prepare-se para ouvir falar de uma nova turma de economistas: Guido Mantega (o líder), Aloizio Marcadante, João Sayad, Luciano Coutinho, Luiz Gonzaga Belluzzo e Paul Singer. São os responsáveis por tentar colocar em prática um plano econômico assim resumido: aumento das exportações, metas de inflação, câmbio flutuante, queda nos juros, retomada do crescimento. Antes disso, acalmar o tal do mercado. Depois, tornar possível a sonhada distribuição de renda.

SERRA

Luiz Alberto Weber
Da equipe do Correio

José Serra é um candidato de esquerda que se viu forçado a vestir — por falta de opção política — o figurino da situação. Talvez desejasse ser o candidato de oposição ao governo Fernando Henrique. Mas o espaço já estava ocupado. Afinal, Serra está à esquerda do Lula oficial, o petista que fez aliança com o PL e que faz agrados ao empresariado.

Serra está ainda mais à esquerda do candidato do PT quando o assunto é alianças políticas. O tucano em seu caminho rumo ao Planalto rompeu com parte da oligarquia nacional, que migrou para a órbita petista. É esta a fraqueza do tucano: ser e não ser governo; ser de esquerda e não aparentar. O tucano carrega um peso extra, a sua personalidade. Sem carisma e obstinado, faz mais desafetos que aliados. Uma combinação fatal em política.

COMPANHEIROS

O ideal era que não os tivesse. Apontado como desagregador, José Serra atropelou colegas de partido para se tornar o presidenciável do PSDB. O candidato se indispôs com os ministros da Educação, Paulo Renato, e da Fazenda, Pedro Malan, e com o governador do Ceará, Tasso Jereissati (todos sonharam suceder FHC). O ex-ministro da Saúde só teve sempre ao seu lado uma parcela do PMDB. No segundo turno, Serra tentou recolher os cacos. Mas não se sabe, na hipótese de ser eleito, por quanto tempo conseguirá manter todos em sua volta.

HOMEM POLÍTICO

Foi uma luta levar o publicitário Nizan Guanaes para a campanha. Serra e ele já haviam se desentendido. Medalhões da política, como José Sarney e Antônio Carlos Magalhães, não suportam Serra. Mais do que isso. Farão o possível para tornar uma eventual presidência do tucano uma tormenta. O cenário não é dos melhores. O PSDB perdeu duas dezenas de cadeiras na Câmara dos Deputados e tornou-se apenas o quarto partido nessa casa. Além dos inimigos poderosos, a base de apoio político a Serra foi esvaziada.

CONDIÇÕES DE VÔO

Serra conhece todos os manuais de economia e, nesse aspecto, leva vantagem. Costumam dizer que quando o parto é complicado, chama-se o obstetra e não a parteira. Serra é um obstetra. Não quer dizer que seja infalível, nem que tenha varinha mágica capaz de fazer o dólar cair, a economia crescer e a inflação continuar domada. Mas o tucano tem experiência administrativa e talento intelectual. Pesa contra ele o fato de Fernando Henrique (intelectual mais importante que Serra) terminar o mandato com desemprego e dólar nas alturas.

TUDO PELO SOCIAL

A favor de Serra contam seus programas sociais tocados no Ministério da Saúde. Vacinação em massa, distribuição gratuita de remédios e medicina preventiva. Nesse aspecto, o presidenciável tucano foi bem-sucedido. Serra mostrou capacidade de fazer andar projetos de cunho social. Mas, ao mesmo tempo, o tucano é o candidato de um governo que em oito anos pouco fez para reduzir as desigualdades no país.

GLOBALIZAÇÃO

Na cabeça de Serra, o Brasil seria o centro da globalização. A integração dos mercados e a livre circulação de mercadorias e serviços vieram para ficar. Se eleito, Serra defenderá, primeiro, o acesso de produtos brasileiros aos mercados do primeiro mundo e dará uma mãozinha para os industriais nacionais tornarem-se mais competitivos e inovadores. Nisso, tucano e petista são parecidos.

MINHA GALERA

Serra é apontado como exageradamente centralizador, senhor da palavra final e pouco sensível às opiniões alheias. Mas o presidenciável tucano tem, também, uma turma fiel, com quem possui afinidades intelectuais e compartilha a mesma visão de mundo. Os desenvolvimentistas, como o ex-ministro Luiz Mendonça de Barros (ou alguém indicado por ele) e Gesner Oliveira, terão postos-chave ou influência. Quem sai de vez da Esplanada é a turma dos economistas da PUC do Rio de Janeiro.

